



A ESCOLA DE EDUCACAO INFANTIL NA VISÃO DAS CRIANÇAS: UM ESTUDO SOBRE ROTINAS

MEDEIROS, Silvana¹

¹ *Faculdade de Educacao - Universidade Federal de Pelotas – FaE/UFPel
(vaninhamedeiros@hotmail.com)*

FRISON, Lourdes²;

² *Orientadora, doutora em educação e docente da FaE / UFPel (lfrison@terra.com.br)*

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca refletir sobre a rotina na educação infantil, diariamente executada, muitas vezes mecanizada e compreender a percepção da criança sobre a escola de educação infantil. Segundo pesquisas já realizadas, Barbosa (2006) diz que: a rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil utilizam para organizar as atividades diárias.

Os profissionais que atuam nas instituições da educação infantil dificilmente refletem sobre a rotina, pois ela normalmente é planejada antecipadamente e apresentada para as crianças como algo pronto e fechado, ainda, não leva em consideração os anseios da criança tratando-as como seres sem fala, sem opinião. O que motivou-me a iniciar esta pesquisa foi o questionamento feito por um aluno, quando ele indagou-me por que as atividades tinham que ser sempre organizadas da mesma maneira, seguindo a mesma seqüência. Neste dado momento tive dois sentimentos: alegria e desconforto. Primeiramente fiquei alegre em ver meu aluno sendo crítico, questionador e logo em seguida veio um desconforto, momento em que fiquei desestruturada por ver que a minha pratica estava sendo questionada e, portanto, parecia não ser tão boa quanto imaginava. Isso me inquietou e a partir daí comecei a pesquisar sobre as rotinas na educação infantil.

2. METODOLOGIA

Para responder ao problema de pesquisa, os dados serão coletados em uma turma de pré-escola com idades entre quatro e cinco anos, sendo que quatro são meninas e seis são meninos. A coleta de dados será feita na turma na qual ministro aula, atualmente afastada por licença maternidade. Ouvir as crianças nesta pesquisa

significa dar voz e autoria a elas, pois acredito que elas tem potencial para esta análise. Penso que os adultos ainda tem o olhar muito preconceituoso sobre a criança, o que se percebe não só dentro da escola, mas em casa, na mídia, enfim em todos os lugares onde a infância atua. A este respeito PINTO (1997, p.3), destaca:

Diariamente os jornais e telejornais escancaram uma face cruel da infância na nossa sociedade. São as crianças pobres, chamadas de “menor”, que estampam as páginas dos jornais. É desta criança sofrida, desrespeitada, explorada e maltratada por uma sociedade injusta e arbitraria que nos falam as reportagens. Mas, tais reportagens traduzem o quanto ainda nosso “olhar” sobre a criança é um olhar preconceituoso. As suas “vozes” quase não aparecem, como se fossem incapazes de falar sobre si mesmas, de opinar sobre suas vidas.

Sendo assim, torna-se importante a participação efetiva das crianças em pesquisas, a participação delas não é algo completamente novo, pois desde Freud e Piaget elas participaram, não apenas como objeto de estudo, mas como a nova sociologia da infância propõe que a criança participe da investigação científica. A este respeito Mann e Tolfree (*apud* CAMPOS, 2005, p.2) dispõe: “a necessidade de captar a visão das crianças é urgente, pois é a partir de suas vozes que medidas de proteção e atendimento mais prementes serão tomadas pelas equipes de intervenção externas”.

Para que aconteça esta participação nesta pesquisa utilizarei a seguinte metodologia: a pesquisa ira acontecer em dois momentos. No primeiro momento será realizada a pesquisa qualitativa com as crianças e num segundo momento a análise dos dados coletados. Primeiramente realizaremos uma Roda de Conversa¹ sobre o que eles pensam sobre a escola, em seguida contarei uma historia adaptada com base na historia de Ruth Rocha, intitulada; *Quando a escola é de vidro* e, após, deixarei que expressem suas considerações a cerca da historia e suas vivencias, questionando-os; A) como eles se sentiriam se fossem as crianças da historia; B) a história fala de crianças colocadas dentro de vidros que não podem brincar. O que vocês acham disso? C) que alternativas poderiam ser apresentadas para as professoras destas crianças? D) na escola isso acontece? Ou tem coisas que acontece,m que vocês não gostam? D) o que você acha das atividades e dos tempos destinados para realizar essas atividades aqui na escola? Logo em seguida solicitarei que desenhem o que gostam e o que não gostam na escola em uma folha de oficio, que será recolhida para posterior análise, solicitarei, ainda, que expliquem o que desenharam e registrarei suas falas. Os dados coletados serão submetidos a técnica de análise de conteúdo, que permitirá compreender e interpretar o que pensam as crianças sobre as rotinas escolares.

3. REFLEXÃO INICIAL

¹ Procedimento metodológico adotado por Freinet onde as crianças expressam suas opiniões e a professora anota o máximo possível do que contam, dizem, fazem e observam.(BARBOSA, 2006, p.103)

As reflexões que pretendo trazer nesta pesquisa é sobre a organização escolar (rotina), pelo fato de ser um tema pouco questionado e refletido. A palavra rotina, segundo Cunha (*apud* BARBOSA, 2006, p.41), surge do Frances antigo como route, um derivado da palavra do latim vulgar (rota) e seus primeiros registros aparecem na alta idade media, possivelmente no século XV, mas sua utilização no cotidiano foi apenas no final do século XVII e apareceu na língua francesa como routine, que no português foi traduzida como rotina, significa um curso ou procedimento regular, uma performance invariável de certos atos, uma seqüência ordenada. De acordo com o dicionário Luft (2000) rotina quer dizer repetição das mesmas coisas, dos mesmos atos, pratica costumeira, norma constante de proceder.

A este respeito Barbosa (2006) diz que: alguns dicionários de pedagogia e ensino, como o escrito por Campagne (s.d, p.545), traz que rotina “é um processo até certo ponto mecânico para fazer ou ensinar alguma coisa, [...] uma pratica transmitida e tornada habitual, sem princípios de razão para regulá-la ou para justificá-la”. Embora seja considerado por alguns autores um ato mecânico, a rotina, torna-se fundamental para a organização e otimização das atividades propostas para crianças pequenas. Para Bertolini (*apud* BARBOSA, 2006, p.44) “denominam-se routine as praticas realizadas que fazem parte necessária e imprescindível do trabalho de cuidado das crianças, como a higiene, a alimentação e o sono, inicio e fim das atividades, entrada e saída confere uma ordem para a experiência confusa da criança”. A escola trata de estabelecer horários para as diferentes ações, mas nem sempre essa organização favorece o trabalho pedagógico e as necessidades dos alunos.

4. PARA (NÃO) CONCLUIR

O local onde irei realizar a pesquisa de campo é uma escola na zona urbana de Pelotas da rede privada com trinta alunos e uma equipe de cinco funcionários sendo três professoras, uma recreacionista e uma faxineira.

O espaço físico é amplo, dispõe de: uma praça, um pátio, uma sala de convivência, uma sala de vídeo, uma sala para a hora do conto, dois banheiros, uma cozinha e quatro salas de aula.

Esta escola funciona em turno integral, porém os alunos que irei pesquisar somente dois permanecem em turno integral, ao total serão dez alunos da ultima etapa da Educação Infantil.

A escola possui uma rotina básica para todas as turmas que consiste em horário de chegada, atividades dirigidas, lanche, higiene, praça ou pátio e no final da tarde sala de vídeo.

Organizar o cotidiano das crianças na Educação infantil pressupõe pensar que o estabelecimento dê uma seqüência básica de atividades diárias, e antes de tudo, resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente de suas necessidades (BARBOSA, 1999, p.67)

As rotinas são tratadas de forma mecânica dentro da escola e os profissionais não refletem sobre ela. Os professores sabem que a criança não é mais tratada como ‘ser sem fala’ e que produz cultura. Então, como as crianças vêm esta organização?, Participam dela expondo suas opiniões?, Como organizariam este

espaço?, Como a rotina surgiu na historia?, Ela é importante?, com esta pesquisa busco compreender estas inquietações.

Acredito que esta pesquisa oportunizará um repensar sobre o trabalho que venho desenvolvendo na Educação Infantil, além de, através dos depoimentos recolhidos das crianças e da análise dos teóricos, poder contribuir para uma reflexão sobre as rotinas nas escolas de Educação Infantil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete ; WATSKOP, Gisela. **Educação infantil, Creches: Atividades para Crianças de zero a seis anos.** 2ºED. ver.E ATUAL. – SÃO PAULO- EDITORA MODERNA, 1999.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: (Lei 9394/96)** / apresentação Carlos Roberto Jamil Cury – 9. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. In:CRAIDY, Carmem (org.). **Educação Infantil: Pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p.67-79.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: Rotinas na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

CAMPOS, Maria Malta. **Porque é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica.** Fortaleza: Seminário Ouvindo Crianças, 2005.

LUFT, Celso Pedro. Minidicionario Luft / colaboradores Francisco de Assis Barbosa, Manuel da Cunha Pereira; organização e supervisão Lya Luft. São Paulo: Ática, 2000.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002.

PINTO, Maria Raquel Barreto. **Tempo e espaço escolar: O (des)confinamento da infância.**UFSC.